

O JORNAL: UMA FERRAMENTA RICA PARA O TRABALHO COM A DIVERSIDADE DE GÊNEROS TEXTUAIS

ALESSA PATRÍCIA DIAS DA SILVA

CAMILA GOMES PINTO SOBRINHO

DIOGNES RAMOS MARCHON

JHONATTA DE OLIVEIRA COSTA E SILVA

RESUMO:

Trata-se de uma oficina que propõe pensar possíveis práticas educativas para a área de Língua Portuguesa tendo como ferramenta principal o jornal. Pretendemos abordar a diversidade de gêneros presente em tal ferramenta e mostrar qual rica pode ser tal diversidade para o professor de Português. O trabalho enfoca quatro gêneros textuais: a notícia, a crônica, a charge e a imagem.

Introdução

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de Língua Portuguesa, que se volta cada vez mais para o desenvolvimento da plena capacidade comunicativa do aluno através da língua, exige que o educador faça um trabalho que perpassa pela maior gama possível de gêneros e tipos textuais, a fim de proporcionar ao aluno a habilidade que Bechara (1993) se refere como a de ser poliglota dentro de sua própria língua.

Partindo do princípio básico que suplanta a tarefa do professor de Português – estimular ao máximo possível o desenvolvimento das competências comunicativas do aluno – acreditamos que a análise crítica do *corpus* jornalístico em sala de aula pode ser composto por grande diversidade de gêneros, pode contribuir de maneira eficaz para a ampliação da proficiência dos nossos alunos enquanto intérpretes/produtores da sua língua nativa. Uma vez que apresenta textos escritos e imagéticos, o jornal possibilita ao aluno exercitar a linguagem verbal e não-verbal nas suas diferentes características e funções. Além disso, como nos mostra Maria Alice Faria, levar jornais (...) para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. Jornais (...) são mediadores entre a escola e o mundo (FARIA, 1999). Sendo assim, o jornal também propicia uma visão político-sociocultural cada vez mais perspicaz nos nossos leitores em formação.

Enfocaremos quatro gêneros em especial: a notícia, a crônica, a charge e a imagem, dado o nível de aproveitamento com que podemos utilizá-los em sala de aula. Vejamos: com a notícia é possível levar o aluno a perceber que existem versões diversas para um determinado fato, aferindo-lhe a capacidade de ler com desconfiança. A charge traz a crítica social em tom de deboche, usando o riso como elo entre o emissor e o receptor: rir, para o chargista, é uma forma de identificação com a idéia passada, uma forma de partilhar do mesmo sentimento de ridicularização do fato. A crônica é a fusão do texto literário com o jornalístico,

impregnado de parcialidade, conceitos e, por que não dizer, preconceitos, e então temos mais uma brecha para tratar de crítica e desconfiança.

Breves esclarecimentos sobre tipo e gênero textuais

Antes de iniciarmos nossas considerações sobre os gêneros textuais presentes no jornal, tentaremos traçar a distinção entre gêneros e tipos textuais.. Alguns professores acreditam que estão trabalhando com os seus alunos gêneros diversos ao pedir que eles produzam, por exemplo, um texto narrativo, dissertativo ou descritivo. Estamos, pois, diante de um equívoco teórico.

É claro que todos os gêneros se realizam por meio de tipos textuais, isto é, seqüências lingüísticas de base, que serão utilizadas para a construção estrutural do gênero, podendo ocorrer que o mesmo gênero textual se realize em vários tipos. Por exemplo, uma carta pode se dar na forma de uma narração ou de uma argumentação, dependendo da finalidade para a qual é escrita. No entanto, o professor de Língua Portuguesa, ao se utilizar desse recurso, precisa ter bem clara a distinção dessas noções para que a sua proposta didática seja feita de forma consciente, sempre tendo em mente que “quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’, ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de seqüência de base” (MARCUSCHI, 2002, p. 27).

A notícia

(...) o sentido da notícia não é dado pronto ao leitor. Ele deverá aprender a caminhar no jornal, interpretar o que lê /.../ para se transformar num leitor crítico e inteligente/.../ É o momento nodal da formação do cidadão pela escola.
(MARIA ALICE FARIA)

Por um longo tempo, acreditou-se que as notícias e reportagens veiculadas pelo jornal primavam pela neutralidade, que o jornalista buscava manter-se distante do fato narrado para que a sua narração não apresentasse indício algum de subjetividade. Hoje, sabemos que as fronteiras entre a “verdade” dos fatos e o ponto de vista do jornalista são bem fluidas, apesar de o compromisso com a verdade, com a denúncia daquilo que o leitor não pode saber por si só continuar norteando este profissional.

Ao compararmos diferentes jornais perceberemos que existem versões diversas para um mesmo fato, devido aos interesses e objetivos de cada jornal. Isto se deve, de maneira geral, a dois procedimentos fundamentais na construção de uma notícia: a seleção do fato a ser informado, dentre os inúmeros que ocorrem no mundo; e a escolha do ponto de vista através do qual esta informação será transmitida. Este último, além de constituir um “olhar” sobre um fato a partir de um “lugar” determinado, ainda implica uma tentativa de persuadir o leitor, para levá-lo a compreender o fato de uma maneira e não de outra.

Antes de ser “ingênua”, ou apenas diversificada, a maneira como o fato é apresentado possui uma intencionalidade definida, uma vez que pretende produzir um efeito específico sobre o público receptor. Talvez a maior parte dos leitores ainda não se dê conta do grau de manipulação que a mídia exerce sobre a sua compreensão dos acontecimentos do cotidiano e do mundo através da forma como os noticia.

Vale lembrar que, embora o jornal seja uma fonte primária de informação, não podemos garantir que temos acesso aos fatos tal qual como ocorreram, pois tomamos contato, na verdade, com uma determinada interpretação dos mesmos. Aqui relembramos as palavras de Carmen Lozza, coordenadora do Projeto *Quem lê jornal sabe mais*, quando diz que “se o jornal apresenta uma determinada interpretação da realidade, o leitor, ao lê criticamente, deverá interpretar a interpretação do jornal”. (LOZZA, 2005, p. 3)

É neste contexto que a notícia, justamente por deixar transparecer a subjetividade do jornalista, ainda que em menor grau do que uma crônica, por exemplo, constitui-se como um gênero capaz de promover a capacidade de leitura desconfiada que, cada vez mais apurada, vai se tornando mais crítica e fundamentada. Este gênero contribui para o nosso exercício de leitura e para a desmistificação da idéia de que o jornal seria um veículo de comunicação caracterizado pela imparcialidade.

Um outro fator que pode invalidar o caráter imparcial que se pretende alcançar com a notícia se refere à sua disposição no

jornal, à tipografia. Ao fazer uma observação atenta da forma como as notícias são apresentadas neste veículo e da relevância dada a umas em detrimento de outras, por meio do tamanho das manchetes, do tipo da fonte, da escolha daquelas que virão na primeira página etc., poderemos perceber que a diagramação, antes de ser aleatória, configura a importância dada a uma determinada notícia, para a qual deverá ser captada uma maior atenção por parte dos leitores. A distribuição das palavras, além do impacto naturalmente gerado na esfera da recepção, também se torna imagens, sendo a informação, portanto, duplamente – por palavra e por imagem – captada pelo público.

A Crônica: Poesia na prosa do Cotidiano

Alguns esclarecimentos sobre a crônica

Trata-se de uma seção ou artigo especial sobre literatura, assuntos científicos, esporte etc., em jornal ou outro periódico. É um pequeno conto baseado em algo do cotidiano, fazendo, normalmente, uma crítica indireta. Esse gênero costuma misturar sentimentalismo e humorismo. Os fatos do cotidiano, os acontecimentos diários é que ensejam reflexões ao cronista. Em torno desses fatos, o cronista emite uma visão subjetiva, pessoal e mesmo crítica. É peculiaridade da crônica o uso de linguagem coloquial, às vezes sentimental, ou emotiva ou, às vezes, irônica, crítica, que procura ser clara e objetiva, e é quase sempre surpre-

endente. Cômica ou séria, a crônica está a serviço da reflexão. Não escolhe assunto: fala sobre tudo. E conversa com todos também; retrata o pitoresco das cenas, assim como as que são carregadas de lirismo ou humor.

A crônica surge da mistura entre jornalismo e literatura, é um artigo de jornal que, em vez de relatar ou comentar acontecimentos do dia, oferece reflexões sobre literatura, teatro, política, acidentes, e sobre os pequenos fatos da vida cotidiana, enfim, sobre todos os assuntos. A crônica sempre se prende à atualidade, mas sem excluir a nostalgia do passado. Pode ser tendenciosamente crítica, mas sem agressividade.

A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com a finalidade de agradar aos leitores, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que lêem.

Não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar sapatos ou forrar o chão da cozinha (...) Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar

a literatura em algo íntimo à vida de cada um. (CÂNDIDO, 1992).

Segundo Fernando Sabino, “a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã”. O comentário pode ser poético ou irônico, mas o seu motivo, na maioria dos casos, é o fato miúdo: a notícia em quem ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. Nessas trivialidades, o cronista surpreende a beleza, a comichade, os aspectos singulares. Ou como diz Antônio Cândido: “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio de ziguezague de uma conversa aparentemente fiada...”. Pode-se dizer que a crônica situa-se entre o Jornalismo e a Literatura, visto que o cronista se comporta, em muitos casos, como o poeta dos acontecimentos diários. Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária.

Tipos de Crônicas

- **Crônica Descritiva**

Ocorre quando uma crônica explora a caracterização de seres animados e inanimados num espaço, viva como uma pintura,

precisa como uma fotografia ou dinâmica como um filme publicado.

- **Crônica Narrativa**

Tem por eixo uma história, o que a aproxima do conto. Pode ser narrado tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Texto lírico (poético, mesmo em prosa). Comprometido com fatos cotidianos (“banais”, comuns).

- **Crônica Dissertativa**

Opinião explícita, com argumentos mais “sentimentalistas” do que “racionais. Expostos tanto na 1ª pessoa do singular quanto na do plural.

- **Crônica Narrativo-Descritiva**

É quando uma crônica explora a caracterização de seres, descrevendo-os. E, ao mesmo tempo mostra fatos cotidianos (“banais”, comuns) no qual pode ser narrado em 1.ª ou na 3.ª pessoa do singular.

- **Crônica Humorística**

Apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos.

- **Crônica Lírica**

Linguagem poética e metafórica. Expressa o estado do espírito, as emoções do cronista diante de um fato.

- **Crônica Poética**

Apresenta versos poéticos em forma de crônica.

- **Crônica Reflexiva**

Reflexões filosóficas sobre vários assuntos. Apresenta uma reflexão de alcance mais geral a partir de um fato particular.

Imagens no jornal

Fotos Jornalísticas

A utilização do jornal em sala de aula nos estudos de Língua Portuguesa pode proporcionar a percepção da importância do gênero jornalístico no processo de comunicação que este veículo se propõe a transmitir. Todavia, considerar o jornal apenas com um meio transmissor de mensagens lineares é subordinar um material tão rico de tipos textuais a uma consideração tradicional da língua (que privilegia o aspecto formal e estrutural) e suplantará uma grande oportunidade de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade de utilização da língua materna como

forma de se situar na diversidade das relações humanas aos quais está inserido. Essa consideração sócio-interacionista do idioma nos permite incluir as fotos jornalísticas como textos extremamente ricos em comunicação.

A propósito, cabe enfatizar a disposição da Lei de Diretrizes e Bases, na sua Seção IV, que destaca

(...)o aprofundamento dos conhecimentos como meta para o continuar aprendendo; o aprimoramento do aluno como pessoa humana; e a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico com flexibilidade, em um mundo novo que se apresenta, no qual o caráter da Língua Portuguesa deve ser basicamente comunicativo. (PCN's: p.138)

A relevância dos estudos de imagens jornalísticas, mais especificamente das fotos, transcende a caracterização meramente visual que estas dão ao gênero jornalístico e a sua disposição no espaço deste veículo comunicativo.

A necessidade da compreensão proficiente desses textos faz com que o professor objetive, com o trabalho das fotos jornalísticas, “ativar e fortalecer o posicionamento crítico dos alunos ante a tendência cada vez mais orientada de nossa sociedade para o visual” (OLIVEIRA, 2006).

O trabalho com textos imagéticos em sala de aula poderá desenvolver no desempenho de leitura uma espécie de ensinar a “ler” e “interpretar” as imagens, ou seja, desenvolver o “letramento visual”, fazendo com que cada aluno e aluna reconheçam as

qualidades que estão presentes no processo da comunicação visual. Semelhantemente ao estudo da gramática, o texto imagético também possui as suas qualidades lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas, o que torna interessante a comparação com o código lingüístico escrito e a inter-relação com este.

Todavia, essas considerações ainda não sobrepuseram suficientemente o conceito de letramento meramente subordinado à codificação da escrita linear, razão esta por permanecer na consideração tradicional. As atividades com fotos de jornal poderão proporcionar uma nova qualidade de visão do texto, incluindo as imagens ali dispostas na leitura eficaz da mensagem, desconsiderando a imagem como apenas um apêndice ilustrativo do texto. Em muitos casos, a imagem é um texto que tem sua própria forma de comunicação, gerando uma boa oportunidade de utilização da língua verbal e escrita para se “desfazer as ambigüidades, acrescentar informações e enriquecer o contexto da mensagem pretendida pelo autor” (OLIVEIRA, 2006).

Sem dúvida, a análise detalhada das imagens, segundo o que se vem propondo, oferecerá uma leitura crítica, não só das notícias de jornal, mas também dos diversos gêneros textuais, cada qual com seus tipos de texto, produzindo o maior contido indivíduo com as diversas formas de comunicação e interação. É o que postula os PCN's em um de seus parágrafos:

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem,

consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. (PCN's: p. 139)

Lemke (1997) esboçou o que seria a “gramática da multimodalidade comunicativa” dos textos imagéticos, semelhante às funções da linguagem que abarcam a comunicação escrito-visual. É sobre essas concepções de Lemke que Sara Oliveira expõe as funções que compõem o processo de comunicação dos textos-imagens:

Função representacional: indica o que nos está sendo mostrado, o que se supõe esteja “ali”, o que está acontecendo, ou quais relações estão sendo construídas entre os elementos apresentados.

Função orientacional: posiciona o espectador em relação à cena (ex. intimidade, distância, superioridade, subordinação, credibilidade, importância), estabelecendo algum tipo de orientação avaliativa do produtor/interprete em relação à cena propriamente dita (trágica, cômica, normal, surpreendente) e o faz também em função do espectador/leitor (ex. solidariedade, antagonismos, deferência, condescendência), bem como em relação a outros possíveis pontos de vista e imagens semelhantes da comunidade intertextual (opositor, aliado, complementaridade).

Função organizacional: ocorre quando a construção do significado cria um “sistema de relações que organizam o texto visual em elementos e regiões por meio de aspectos tais como cores e textura que interagem definindo partes e unindo-as dentro de uma rede de ecossistemas onde os objetos são vistos e usados.” (OLIVEIRA, 2006, p.: 24-5)

Enfim, a consideração semiótica multimodal que uma foto de jornal ajuda a considerá-lo com um texto que rompe dos princípios da gramática tradicional.

A charge

A charge, nome que vem do francês e significa ATAQUE, é a fusão do texto escrito com a imagem em tom satírico, que se propõe a chamar a atenção do leitor para as mazelas sociais por meio do humor. O chargista se vale da identificação que se cria entre emissor e receptor através do riso para elucidar fatos que fazem parte do cotidiano de sua sociedade. É justamente essa mistura de seriedade e deboche, de crítica e riso, que faz da charge um texto por excelência acolhido, desde que faça sentido para o leitor. A mescla que ocorre entre palavras e imagens na charge é um traço bastante interessante por se dar de forma ao mesmo tempo proposital e intrínseca. Vejamos o que tem a nos dizer Maria Lilia Simões de Oliveira:

As imagens nas charges não são meros traços e desenhos. Elas têm valor de “eikon” dos gregos, ou seja, representam o que já existe. As legendas, consideradas supérfluas por muitos estudiosos, são muitas vezes essenciais para a produção de sentido. (OLIVEIRA, 1999)

A harmonia entre o escrito e o desenhado é que faz a charge engrenar: um completa o outro. É como no mundo em que

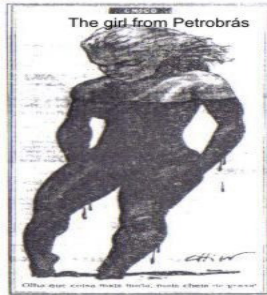
vivemos. Quando saímos pelas ruas o que temos é uma verdadeira miscelânea de imagens e textos. O mundo se reflete na charge nos mínimos detalhes, desde a forma com a qual as informações se dispõem à crítica nelas estabelecida.

Se pensarmos que os textos que utilizamos em sala de aula devem alcançar além do pretendido em conteúdos específicos de nossa disciplina, se conseguirmos enxergar a dimensão da importância de ajudar nossos alunos a se tornarem críticos de sua própria realidade, então a charge se nos revelará uma grande aliada nessa empreitada.

As charges são mais indicadas para turmas de oitava série e de ensino médio, mas sua utilização variará de acordo com o teor de sua crítica. É importante salientar que a leitura da charge exige certo conhecimento do que está acontecendo ao redor do leitor e, nesse sentido, é importante que o tema posto em pauta seja trabalhado paralelamente em outros textos de diferentes gêneros textuais. Isso se esclarecerá mais adiante, em nossa proposta prática de atividade.

O certo é que a charge exige alguma visão de mundo: quanto mais informações sobre o tema da charge o aluno tiver, maior será o aproveitamento da sua leitura.

THE GIRL FROM PETROBRÁS



*Olha que coisa mais linda,
mais cheia de graça*

Publicada no jornal O GLOBO, a charge de Chico Caruso faz uma piada com a poluição litorânea causada por vazamento de óleo de uma das plataformas da PETROBRÁS. A figura da famosa garota de Ipanema simboliza o estado de todo o ambiente praiano atingido pelo vazamento. O toque final desse texto fica por conta da frase *Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça*, completando a tão bem utilizada intertextualidade com a música de Tom Jobim. Podemos utilizar essa charge em sala de aula tanto para trabalhar estratégias de leitura crítica, como intertextualidade, observação de elementos não-verbais e ligação entre o texto e a realidade social, como podemos ressaltar a estilística fônica utilizada na frase, em que o par mínimo graça/graxa se revela um belo brinquedo de palavras capaz de causar todo um efeito de choque e curiosidade no leitor. Evidente que os termos mais acadê-

nicos, como o conceito de par mínimo ou estilística fônica devem ser apartados se estamos lidando com alunos de níveis fundamental e médio, mas é perfeitamente cabível trabalhar por esse viés o conceito de fonema e letra e a importância de cada fonema para a língua.

Proposta de atividade

Como sabemos, um mesmo fato pode ser mostrado por diversos pontos de vista. Assim sendo, os gêneros textuais utilizados para embalar um determinado fato também podem variar. Propomos, assim, que um mesmo fato seja levado para a sala de aula em forma de crônica, charge e notícia, esta última sendo portadora de duas versões para o fato: a escrita e a imagética. Caberá ao professor orientar o aluno na busca pelas diferentes matizes acrescidas ao fato na esfera correspondente a cada gênero.

Caberá destacar os seguintes pontos:

- Quando aparece em forma de crônica, o fato não ganha uma roupagem mais reflexiva, mais literata, mais voltada para o subjetivo?
- A notícia, como é dada? É imparcial? Pode ser lida por linhas e entrelinhas? O texto atua em cumplicidade com a imagem?

A imagem traz informações com tom de choque? A imagem tenta de alguma forma aproximar o leitor do texto?

- Até que ponto o humor da charge faz com que o fato perca a seriedade? Rir tem o mero propósito de fazer rir, ou quer chamar a atenção do leitor para o ridículo em sua sociedade?

Referências Bibliográficas:

BECHARA, Evanildo. *Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão (Prefácio)”. In “Para gostar de ler. Volume 5 – Crônicas. São Paulo: Ática, 1992.

LOZZA, Carmem. *Jornal: uma revisão crítica* (Projeto Quem lê jornal sabe mais). Rio de Janeiro: O Globo, 2005.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de, *Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo*, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, Sara. “Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido”. In: “Linguagem e Ensino”, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun. 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

RIBEIRO, Manuel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 14. ed., Rio de Janeiro: Metáfora, 2004.